

**Universidade de Brasília – UnB**  
**Instituto de Artes – IdA**  
**Departamento de Artes Visuais – Vis**

**A representação visual da experiência de mulheres mães com a  
maternidade**

Flávia Rodrigues de Moraes

Brasília, 2021

**Universidade de Brasília – UnB**  
**Instituto de Artes – IdA**  
**Departamento de Artes Visuais – Vis**

**A experiência de mulheres mães com a maternidade nas artes  
visuais**

Flávia Rodrigues de Moraes

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas,  
Habilitação em Licenciatura, do Departamento de  
Artes Visuais do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília.

Orientadora: Profª Cristina Azra Barrenechea

Brasília, 2021

**Universidade de Brasília – UnB**  
**Instituto de Artes – IdA**  
**Departamento de Artes Visuais – Vis**

**A experiência de mulheres mães com a maternidade nas artes visuais**

Flávia Rodrigues de Moraes

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>: Lisa Minari  
Universidade de Brasília. IdA.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>: Luísa Günther  
Universidade de Brasília. IdA.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

Dedico aos meus pais, Mariana Rodrigues de Moraes e Francisco Edison Lopes de Moraes, ao meu filho amado Lue Heero Rodrigues Moreira, ao meu companheiro Renê Elvis da Costa Moreira e as minhas irmãs, Amanda Rodrigues de Moraes e Alyce Rodrigues de Moraes.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À minha mãe Mariana Rodrigues, por todo o apoio e cuidado com o meu filho, eu devo tudo a ela. O mínimo que posso dar é orgulho pra senhora.

Ao meu pai Francisco Edison, mesmo em meio as dificuldades financeiras, bancou as compras de materiais nessa jornada de ter uma filha artista. Inclusive meu pai conheceu a casa das artes antes de mim. Prestativo, essa é a palavra que mais se encaixa com o senhor. Obrigada pelo seu apoio.

Ao meu companheiro, Renê Elvis, que me faz enxergar o lado bom da vida. Desculpe pelo choro derramado durante minha trajetória acadêmica, eu tenho a mania de me afogar e você sempre consegue me reerguer. Obrigado por ser você.

Á minha irmã Amanda, sempre prestativa em me dar suporte, uma irmã e amiga leal. Nossa amizade com certeza é de vidas passadas, nosso elo é muito forte.

À minha irmã Alyce, que é a caçula e quase nos mata do coração com sua cabeça dura, graças as deusas que a fase adolescente passou e agora ela está se tornando uma mulher adulta incrível. Minha amiga, comadre e parceira para todas as horas.

Ao meu filho Lue, que é a luz da minha vida, meu motivo de acordar e de buscar evoluir para ser sempre a melhor versão de mim.

Á minha amiga Rayza, minha irmã de alma que a UnB me presenteou. Obrigada por seus ensinamentos, você é luz.

Á minha professora e orientadora Cristina Azra, que foi a pessoa que mais me ensinou a acreditar no meu potencial. Eu não encontro palavras para descrever o quanto foi importante para mim tê-la como orientadora, a professora mais humana que já encontrei na vida.

## **RESUMO**

Este trabalho buscou compreender as questões relacionadas com a representação da maternidade na produção plástica desde a antiguidade até o momento atual, a fim de analisar a construção discursiva sobre a maternidade em diferentes momentos da Cultura Ocidental. O estudo possibilitou a problematização dos valores que constroem o olhar social sobre o tema da maternidade e da representação da mulher e a experiência de ser mãe. A pesquisa se baseou na primeira parte, no levantamento e análise de obras nessa temática de diferentes períodos, e na revisão da literatura sobre as questões ligadas à representação da mulher e da maternidade. Em sua segunda parte, a pesquisa se baseou no método da história de vida para o registro de relatos escritos da autora acerca de sua experiência com a maternidade que subsidiaram sua pesquisa poética para a produção de uma série de desenhos sobre a representação da maternidade a partir da experiência real da autora. A pesquisa da história de vida possibilitou uma contraposição entre a representação da maternidade no momento atual com outros períodos da história e suscitou a proposta em arte-educação de uma Oficina para desenvolver com um público de mães um trabalho de expressão e representação de suas experiências pessoais com a maternidade.

**Palavras-chave:** maternidade; representação da maternidade; poética; mãe; arte-educação

## **ABSTRACT**

This work sought to understand the issues related to the representation of motherhood in the visual art production from antiquity to the present moment, in order to analyze the discursive construction on motherhood at different times in Western culture. The study made it possible to problematize the values that build the social view on the theme of motherhood and the representation of women and the experience of being a mother. The research was based on its first part, on a survey and analysis of works on this theme from different historical periods, and on the literature review on issues related to the representation of women and motherhood. In its second part, the research was based on the life's history method for recording written reports by the author about her experience with motherhood that supported her poetic research to base the production of a series of drawings on motherhood from the perspective of her own motherhood. The research based on life's history made possible a contrast between the representation of motherhood at the present time with other periods in history and raised the proposal of a workshop in art education for mothers to express and represent their own experiences with their motherhood.

**Keywords:** maternity; motherhood representation; poetic; mother; art education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Vênus de Willendorf.....</b>	<b>14</b>
<b>Figura 2 - Ícone “Byzantine Virgin and Child Enthroned” (século XIII).....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 3 - Michelangelo - Pietà (1498) .....</b>	<b>16</b>
<b>Figura 4 - Elisabeth Vigée-Lebrun- Rainha Maria Antonieta e seus três filhos, 1787.....</b>	<b>18</b>
<b>Figura 5 - Self-Portrait with her Daughter, Julie", Élisabeth Louise Vigée-LeBrun, 1789 .....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 6 - Mary Cassat - Mother and child .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 7 - Mother art – Lavanderia 1977 .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 8 - Mother art – Lavanderia 1977 .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 9 - Mother art – Lavanderia 1977 .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 10 - Ana Sabiá – Madonnas Contemporâneas .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 11 - Tatiana Reis - Notas sobre o corpo pós-parto.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 12 - Malu Teodoro - bordar o invisível .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 13 - São necessárias muitas para dar conta .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 14 - Filho debaixo da asa de fada .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 15 - Tirando leite.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 16 - Não sei exatamente as horas, se eu já escovei os dentes ou se tomei banho, mas é hora de alimentar as crias. ....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 17 - Queria deitar, mas tem roupa para lavar .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 18 - Lavando as louças com as minhas lágrimas.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 19 – Enquanto o filho brinca.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 20 - A exaustão que vira brincadeira .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 21 - Aulas EAD. Quem cuida de quem cuida? .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 22 - O ser mãe.....</b>	<b>39</b>



## Sumário

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO .....	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE FIGURAS.....	8
INTRODUÇÃO .....	10
I. CONTEXTO DO PROBLEMA.....	11
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
A Vênus da Idade Primitiva .....	13
Idade Média ao Renascimento .....	14
Representação da maternidade no Rococó .....	17
Representação da maternidade entre a Modernidade e os tempos atuais.....	19
III. PRODUÇÃO POÉTICA.....	30
Quem eu era antes de você? .....	40
Quem cuida de quem cuida? .....	49
Solidão materna.....	49
IV. PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO .....	54
Oficina: Representação real da maternidade por meio de suas próprias experiências .....	54
Formato da Oficina .....	55
Laboratório sensorial.....	56
Tempestade cerebral; falar sobre como as mães não se sentem representadas .....	58
Solidão materna.....	58
Objetivo.....	58
O reencontro.....	59
CONCLUSÃO .....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	62

## INTRODUÇÃO

Neste estudo sobre a maternidade, com base na abordagem da história de vida, procurei compreender as diferenças e dicotomias que ocorrem entre a representação da maternidade em obras de arte de diferentes períodos e a representação da maternidade a partir da minha própria experiência com a materna. Essa experiência foi autorrefletida por meio de relatos escritos para que eu identificasse elementos expressivos para a representação da minha experiência com a maternidade, partindo de uma observação direta sobre essa experiência. A parte prática dessa pesquisa consistiu em uma produção artística pessoal sobre a maternidade e nos processos de auto observação e escrita para auto representação dessa experiência, buscando encontrar e desenvolver a minha poética visual. O estudo está organizado em 4 etapas:

- a. Na primeira, que chamei de Contexto, exponho as razões que me moveram a desenvolver esse estudo e as questões e processos que me levaram a escolher esse objeto de estudo. Problematizei algumas questões que permeiam processos que eu vivi e que as outras mulheres que se tornam mães provavelmente viverão, tais como: o machismo estrutural, a idealização da maternidade, a invisibilidade da real experiência da maternidade, a dicotomia entre os paradigmas que substituem a experiência da mãe real e invisível pela mãe ideal e naturalizada. Nessa primeira parte desenvolvi uma breve revisão bibliográfica que subsidiou e aprofundou as considerações que emergiram ao longo do estudo.
- b. Na segunda parte, que chamei de Fundamentação Teórica, desenvolvo uma revisão bibliográfica dos conceitos centrais para discutir as questões e processos que emergem do tema da representação da maternidade. Continuei a desenvolver uma breve discussão de conceitos que foram usados ao longo da pesquisa e também no planejamento de uma oficina em arte educação. Observei também a representação da maternidade em obras pictóricas de diferentes períodos da arte ocidental. Não se trata de uma abordagem de história da arte, mas de uma análise do discurso visual sobre a maternidade. Dessa forma, selecionei algumas telas e analisei elementos visuais para identificar os paradigmas filosóficos e concepções sobre a maternidade presentes nos sentidos discursivos construídos naquelas telas.
- c. Na terceira parte, chamada de Produção, relato por meio da abordagem História de Vida, a minha experiência com a maternidade para observar e identificar elementos

que deram suporte para a minha produção poética; relatei as minhas experiências com a maternidade e nesse trabalho de observação e autorreflexão, procurei encontrar na escrita o meu lugar de fala para trazer os elementos dessa experiência para dentro da minha produção visual. Esse processo suscitou a ideia de desenvolver uma oficina expressiva de autorrepresentação da maternidade descrita a seguir.

- d. Na quarta parte, que chamo de Planejamento Pedagógico, desenvolvi uma proposta de Oficina Expressiva da Experiência com a Maternidade. Nessa parte, relatei a experiência do processo de transposição do meu processo de pesquisa e investigação sobre a minha experiência pessoal com a maternidade e produção artística, para uma proposta didática de uma Oficina para outras mães explorarem os elementos sensíveis e identitários de suas histórias para representarem suas próprias experiências com a maternidade e nesse processo produzirem obras artísticas em diferentes linguagens. Relatei também a experiência de uma oficina para trabalhar com um grupo de mães e desenvolver um processo de autorreflexão e expressão das experiências delas com a maternidade na busca de representações que legitimem os aspectos da maternidade que não encontramos representados nas pinturas do passado.

## **I. CONTEXTO DO PROBLEMA**

Quando penso na produção de conhecimento que dê conta de compreender a nossa existência, me deparo com uma cultura que se baseou na produção de um conhecimento voltado para uma visão ideal da realidade em contraposição à visão orgânica que emerge da experiência de se viver um corpo e nele viver todas as experiências agradáveis e desagradáveis como são as experiências de se gerar e de sustentar uma vida.

Essa distância entre o ideal e o real também ocorre quando se trata de representar a maternidade. Até o presente momento na nossa história ocidental, a representação da maternidade ficou em sua totalidade voltada para a imagem de “madonas”, mulheres envoltas na aura de uma idealização acerca do que é ser mãe.

Essa distância entre a mãe real, de carne e osso, e a mãe ideal que ocupa o imaginário coletivo, expressa uma grande dicotomia da nossa civilização ocidental que priorizou o espírito em detrimento do corpo e o ideal em detrimento do real. Essa dicotomia foi objeto do meu interesse: quando procurei representações sobre a maternidade, me deparei com o

excesso de representações de uma maternidade idealizada e com a ausência de representações da experiência real da maternidade.

Fiz um levantamento sobre a representação visual da maternidade em alguns períodos para identificar e analisar os paradigmas filosóficos ou as concepções sobre a maternidade presentes nos sentidos construídos naquelas telas.

Na falta de representações com as quais eu me identificasse, resolvi fazer uma pesquisa do meu próprio cotidiano e das experiências subjetivas que daí emergem para representar essa experiência a partir de um olhar que a legitima tal qual ela é.

Ao mesmo tempo busquei identificar obras de outros artistas que representam a maternidade. Por que não encontramos representações sobre a maternidade que expressem com maior autenticidade o universo de experiências que as mães estão vivendo? Na medida em que eu constatei essa ausência, propus uma oficina de poéticas sobre a experiência de mulheres mães com a maternidade, para que as mães possam expressar, falar de suas experiências para outras mães e, a partir dessa troca, localizar as suas identidades, seus processos e suas vivências, sem se preocuparem em atender a nenhuma expectativa sobre o que se espera da sua relação com a maternidade. Assim, a partir de um espaço que legitime a autoexpressão, a história de vida, o lugar de fala, elas poderão observar e encontrar elementos nessas expressões que mais representam essas experiências que, em sua exploração, forem mais importantes para elas.

## **II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Na fundamentação teórica, busquei dialogar com diferentes autores para fundamentar o argumento que a sociedade atual ainda se encontra reproduzindo valores, olhares e atitudes com os quais lidam de forma idealizada com as mulheres que se tornam mães, subordinando a compreensão sobre a maternidade com base na experiência real que as mulheres vivenciam a esse olhar idealizado. Este apagamento da experiência real pode ser identificado na ausência de representações sobre a maternidade de mães reais em sua diversidade de experiências em obras de arte produzidas ao longo da nossa história.

## A Vênus da Idade Primitiva

Na pré-história já aparecem estudos sobre a imagem da mulher, e essa visão do feminino é vinculada como fonte de vida. Essa afirmação pode ser destacada com a “Vênus de Willendorf”, figura feminina da idade da pedra. A vênus “tem um significado grandioso: a força da deusa mulher como símbolo de fertilidade e fecundidade, representada por suas formas voluptuosas e abundantes, sobretudo na hipertrofia dos ventres, seios e quadris” (ESTADÃO, 2020, on-line).<sup>1</sup>

Tudo indica que o primeiro artefato a ser resgatado da era paleolítica foi a intitulada Vênus de Willendorf. Descoberta na Austrália em 1908, por Josef Szombathy, a estátua mede em cerca de 11,1 cm de altura. Hoje encontra-se no Museu de História Natural de Viena.

Estas obras de arte realçam particularmente os atributos sexuais femininos, como os seios, os quadris e região das coxas, delegando a cabeça para segundo plano. As formas representadas são intencionalmente espessas, o ventre arredondado e saliente, os quadris largos, as coxas enormes, as pernas finas, os seios pesados e volumosos caindo até ao ventre. Tais esculturas remetem imediatamente para uma ideia de fertilidade, sendo que a mulher gorda era símbolo de saúde, abundância e prosperidade em tempos caracterizados por fomes e privações. (CORREIA apud MIRANDA, 2008, p.10 apud ALMEIDA, CASTRO, 2018, P. 7)

Esculpida com quadris largos, coxas volumosas, seios fartos e pesados, ventre superabundante e um exagero na vulva, tudo leva a crer que se tratava de uma ferramenta simbólica usada para representar algo que não sabemos, mas que pode ter relações com fertilidade ou abundância, uma vez que a escultura está destacando as partes femininas ligadas à procriação. Os povos do paleolítico desenvolveram as ferramentas simbólicas que são ferramentas que não tem uma função prática de subsistência, mas de comunicar ideias e acontecimentos. Essas ferramentas simbólicas podem indicar que eles as usavam para se referir à realidade ou a acontecimentos. Ainda que não saibamos o que essas imagens representavam de fato, é possível inferir que esse artefato teve um significado relacionado com a capacidade das mulheres de gerarem mais filhos. Por tratar-se de uma ferramenta simbólica, essa escultura pode ter sido manuseada para simbolizar mais de um tipo de acontecimento além da gravidez, e pode ter acumulado diferentes funções para diferentes situações tais como ser um amuleto usado para caça.

---

<sup>1</sup><http://pesquisa.italo.br/index.php?journal=uniitalo&page=article&op=view&path%5B%5D=248&path%5B%5D=228>

**Figura 1 - Vênus de Willendorf**



Fonte: <https://artrianon.com/2021/04/06/obra-de-arte-da-semana-venus-de-willendorf/>

### **Idade Média ao Renascimento**

Na cultura ocidental, as representações de mães nos períodos da arte medieval e da renascença dizem respeito à representação de uma ideia abstrata da maternidade que simboliza os princípios da doutrina cristã. Não diz respeito ao campo de conhecimento da experiência da maternidade real, mas de um olhar diferenciado sobre a maternidade que valoriza aspectos da doçura, compaixão e misericórdia como valores de transcendência entre as limitações da vida humana e a vida espiritual.

“(…) A figura de Nossa Senhora reina assim sobre toda a iconografia europeia. Acima de tudo maternal, Virgem com o Menino, fazendo do seu próprio corpo o trono de Deus, Virgem com o Manto, cobrindo e abrigando com ele a humanidade, sua atormentada progenitura, Virgem das Dores, Mater Dolorosa, prostrada sobre o corpo suplicado” (MULIER, 2014, on-line)<sup>2</sup>

Não fossem os conceitos da liturgia cristã os paradigmas dominantes na produção da arte medieval, me pergunto se sequer haveriam representações de mães, filhos, e maternidade feitas naqueles períodos quando o olhar sobre a maternidade esteve tão indissociável com a divindade.

Para Duby e Perrot, “a repetição obsessiva do tema mãe-filho alimentou durante séculos a ideia de uma ‘vocação maternal’ da mulher. Da série infinita das imagens que ilustram este tema, destacam-se, por vezes, o dever de procriação, tal como a Bíblia o impôs a Eva, com a força opressiva e terrível de uma ‘lenda das origens’: ‘multiplicarei os sofrimentos da tua gravidez; darás à luz na dor.’” (MULIER, 2014, on-line)

<sup>2</sup> <http://jornalmulier.com.br/maternidade-e-tematica-recorrente-na-arte-ocidental/>

**Figura 2 - Ícone “Byzantine Virgin and Child Enthroned” (século XIII)**



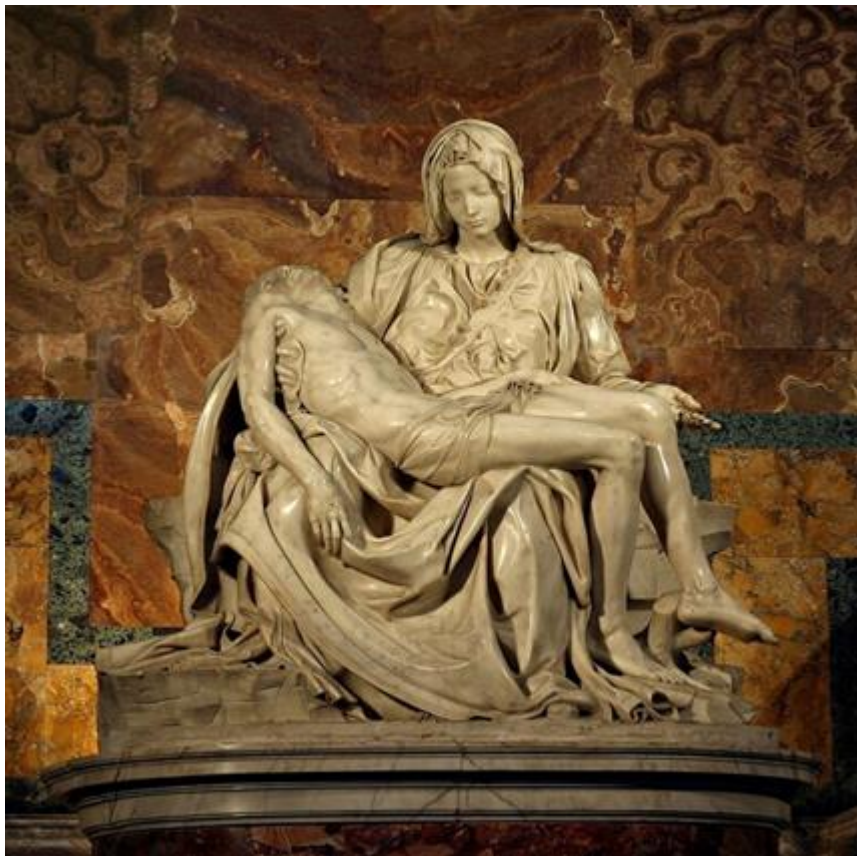
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/478155685415697207/>

No renascimento o padrão a ser reproduzido eram os de Madona, mais conhecido como da mãe cuidadora, piedosa e terna. “As Marias e seus filhos surgem na pintura italiana como espelhos do maternal cristão, colocando em cena atmosferas comoventes da mãe que suporta com resignação a dor e o sofrimento”. (SOUZA, 2020, p.3)

Dentro dos preceitos da igreja católica, a figura da virgem Maria se tornou a imagem idealizada da mãe, pois ela é considerada uma personagem que representa o ideal de amor, delicadeza, piedade e compaixão. Quando as madonas eram retratadas, como a de Pietà (figura 3), na forma como elas eram representadas, elas não tinham direito a emoções realistas, como a de segurar em desespero o filho morto nos braços. Ao invés disso, Michelangelo retratou Maria com um sofrimento conformado com sua tragédia e seu destino, um sofrimento que não se exterioriza, mas se manifesta em um estado comoção. Esse olhar sobre a emoção materna pode ser um olhar idealizado, não apenas de Michelangelo, mas de

toda a cultura na qual ele sorveu esse pensamento para conceber a sua representação de como seria a experiência da santidade materna. “Ao invés de representar o sofrimento de uma forma realista e crua, o escultor escolheu ilustrar a figura de Maria através de uma visão idealizada. (CULTURA GENIAL, 2020, on-line)<sup>3</sup>

**Figura 3 - Michelangelo - Pietà (1498)**



Fonte: <https://estadodaarte.estadao.com.br/maes-na-arte-olhar-feminino/>

---

<sup>3</sup> <https://www.culturagenial.com/pieta-de-michelangelo/>



## **Representação da maternidade no Rococó**

O papel da mulher na sociedade sempre teve importância, uma vez que a mulher mãe é o que dá início a um novo ciclo de vida. Ao longo dos séculos, passamos por várias imagens de representações sobre a mulher mãe, que foram reduzidas a momentos da mãe com o seu filho e quem estava por trás dessa produção eram, em sua maioria, homens que escolhiam as representar em conformidade com o lugar social que estava entrelaçado com as mulheres. Nessas escolhas feitas por pintores homens, em sua maior parte as mães representadas transparecem serenidade, pureza e resiliência.

Com a inserção do direito da mulher a participar da esfera política e do trabalho, a representação figurativa da maternidade começou a ser intencionada pelas artistas da época, assim como Elisabeth Vigée-Lebrun, a convite da rainha Maria Antonieta, “(...) produziu ‘Retrato de Maria Antonieta com seus filhos’, obra monumental, de cunho político, que visava restaurar a credibilidade da rainha junto aos seus súditos” (SENN, 2020, P.2). Esse foi um grande marco em sua carreira, ao quebrar o padrão de representação santificada apresentando a maternidade real. Apesar de ter seguido as regras da iconografia renascentista para a maternidade da sagrada família, (...) “já era tarde demais para Maria Antonieta, o quadro que integrava a exposição do Salão de 1787, precisou ser retirado em função da reação hostil do público” (CHADWICK, 1999 apud SENNA,2020, P.2).

**Figura 4 - Elisabeth Vigée-Lebrun- Rainha Maria Antonieta e seus três filhos, 1787.**



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Elisabeth-Louise-Vigee-Lebrun/733386/Marie-Antoinette-e-seus-filhos,-1787..html>

O estilo artístico que a Madame LeBrun pintava é associado posteriormente ao Rococó, onde ela geralmente adotava o estilo neoclássico em suas obras. LeBrun pintou um autorretrato com a sua filha Julie, uma configuração totalmente fora do padrão esperado para a época: Uma mãe real, que não tem relação com a mãe santa, mas que transmite o simples sentimento do abraço ingênuo da sua filha.

**Figura 5 - Self-Portrait with her Daughter, Julie", Élisabeth Louise Vigée-LeBrun, 1789**



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/21884748177251400/>

### **Representação da maternidade entre a Modernidade e os tempos atuais**

Mary Cassat foi uma pintora renomada do movimento impressionista que representou bem a transição do sagrado para a esposa feliz do lar. Retratando a esposa modelo em momentos íntimos de mães e seus filhos. Cassat procurava romper com a expectativa da artista ideal, que seria completamente impossibilitada de manifestar a vulnerabilidade materna para manter respeito profissional. Em contrapartida, ela utiliza dos subterfúgios da maternidade romantizada para conquistar o seu lugar, somente sendo possível através do estilo burguês, mantendo assim o apagamento da maternidade real.

O tema maternidade, desvinculado do contexto religioso, emerge na arte ao final do século XVIII, afinado com o ideal burguês que apregoava para as mulheres o papel exclusivo de esposas e mães. A invenção desta personagem “a mãe feliz” reflete um novo conceito de família — protetora e amorosa. (SENNA, 2020, P.1).

**Figura 6 - Mary Cassatt - Mother and child**



Fonte: <https://www.wikiart.org/en/mary-cassatt/mother-and-child-1880>

Apesar da flexibilidade conquistada pelas mulheres do século XX e pelos avanços do movimento feminista no ocidente, os problemas com a visão distorcida da maternidade continuaram. Agora, o desafio acontece pela sobrecarga de funções estabelecida na dupla jornada de trabalho. Conhecido como trabalho invisível, o trabalho de cuidados continuou exclusivamente como uma responsabilidade da mulher mãe.

Segundo ARAÚJO (2014, P. 25-26), “A maternidade posta em discussão surge com novas representações, inclusive como uma escolha feminina e não como destino predeterminado à mulher.” Como mãe, é ensinada desde cedo a amar, a cuidar, e a estar sempre com o seu filho, diminuem as oportunidades de vivenciar outras experiências, já que muitas das vezes o papel de ser mãe e dona de casa estão acumulados sem que tenha sido uma escolha da mulher. Além de mãe, somos seres humanos e mulheres com vontades com vontades e desejos não relacionados aos filhos. Na maioria das vezes, o acúmulo de tarefas e responsabilidades está relacionado com uma situação social estrutural, na qual lhe faltam oportunidades para escolher ser o que deseja. A experiência da mulher mãe está vinculada à

cuidar da casa e dos filhos, unido a esse acúmulo, podemos observar um olhar social no qual o mito da heroína feliz no lugar doméstico se sobrepõe à situação real da mulher mãe com todas as sobrecargas, limitações, cansaço e frustrações que esse acúmulo acarreta.

Wade ressalta que o que falta muitas vezes nestas formas dominantes de representação, são aspectos conflituosos da maternidade, como a “perda da independência financeira, perda do espaço e tempo individual, perda de status e extremas restrições de liberdade além das mudanças no corpo; muitas vezes cicatrizes irreparáveis e traumas físicos.” (WADE, 2013 apud MACÊDO, ANO, P. 1-2)

No estudo de Patias e Buaes (2012), as mulheres contemporâneas tendem a ancorar em buscam individuais, gerando uma recusa ao serem ligadas apenas a família e a maternidade. Esse estudo foi realizado com mulheres de classe média alta em que optaram por não viver a experiência da maternidade. As mulheres descartam que a maternidade seja o único caminho de plenitude e de realização da feminilidade. Existe uma recusa da identidade feminina ligada necessariamente à maternidade. Trilhar o caminho da maternidade para essas mulheres implica em renunciar a constituição da identidade feminina.

Com toda essa bagagem, a mulher mãe nessa segunda década do século XXI experimenta ambições muito diferentes das anteriores. Enquanto ela almeja sua independência profissional e financeira, ela se depara, no mundo do trabalho, com níveis de exigência cada vez mais desconectados e indiferentes com a condições biológicas da maternidade. Na sociedade globalizada, com uma tendência ao enxugamento do Estado do Bem Estar Social e às reformas neoliberais que avançam com a retirada de direitos dos trabalhadores, os paradigmas de igualdade entre os gêneros e inclusão da diversidade vão sendo jogados para debaixo do tapete com maior velocidade para assegurar maior rentabilidade para as empresas com o aumento da mais valia. Os paradigmas da sociedade neoliberal se traduzem em uma diminuição da compreensão acerca das condições inclusivas para as mães no ambiente do trabalho e das carreiras, na assimetria de salários para as mesmas funções desempenhadas por homens e mulheres, e em uma maior instabilidade no emprego para as mulheres que se tornam mães. O descolamento da realidade humana das mulheres que ocorre nas empresas gera um grande tensionamento na vida pessoal e familiar das mulheres, além de gerar, no imaginário social, um deslocamento da experiência da maternidade para um espaço ambíguo e idealizado, porém dicotômico e que não revela as tensões que estão colocadas para mulheres que buscam ter uma profissão e carreira. Essas mulheres se deparam com uma ampla e intensa

produção discursiva na mídia que apresenta mães, felicidade no lar, sucesso em suas profissões, além de exibirem corpos magros como se houvesse de fato uma estrutura social que reconhecesse e facilitasse a integração dessas três dimensões da vida das mulheres. Mas essa estrutura não existe, ela não está lá. O que as mulheres encontram são paradigmas implícitos e excludentes entre trabalho e família, feitos mesmo com o propósito de excluírem e dificultarem a inserção. E em meio a esse tensionamento, a mãe de hoje busca seu espaço de fala para buscar conciliar todos os elementos que compõem seu ser completo. No entanto, encontrar esse espaço de fala em uma sociedade que escuta a experiência real de mães reais e está satisfeita em repetir as representações ficcionais de um conceito de mãe ideal é complexo e até mesmo improvável. É nesse tensionamento que as mulheres reivindicam que a sociedade contemporânea normalize a decisão da mãe ser o que ela deseja ser. A mãe quer se incluir na sociedade, quer trabalhar e ser aceita no trabalho sem que seus filhos sejam um pretexto para justificar a mais valia, ou a desigualdade das jornadas, das oportunidades e dos salários entre os gêneros. A mãe deseja dividir as tarefas para poder sair sem seus filhos, encontrar seu lugar de fala em suas identidades que participam de sua história, de sua subjetividade. Elas reivindicam ter a decisão de não quererem ter mais filhos, de serem mulheres trabalhadoras, e não exclusivamente as mulheres que assumem o papel de quem cuida, alimenta, dá amor e de quem não consegue dar conta de tudo.

Pondera-se que a figura feminina vem ganhando novo status. Além de mãe, ela também se faz presente na esfera pública, inserida no mercado de trabalho, podendo optar por uma profissão que lhe traga benefícios pessoais e prestígio profissional. Tornando-se também fonte de renda e autoridade, além de continuar cumprindo as tarefas do domínio privado. (PATIAS E BUAES, 2012, P. 301)

A partir dessa perspectiva de conciliação surge o Mother art, um coletivo que nasceu nos anos 70 a partir da necessidade de mães artistas terem seu espaço dentro do movimento de libertação das mulheres. Nota-se que foi necessária uma ramificação feminista artística para que as demandas dessas mulheres tivessem algum espaço.

Em 1977, o coletivo desenvolveu inúmeras apresentações em diversas lavanderias de Los Angeles como uma forma de brincar entre a esfera privada e a pública. Cada participante levou uma arte própria para as apresentações e para a exposição em varal e tinha duração de um ciclo de lavagem. Além disso, em cada uma dessas apresentações eram discutidos temas políticos entre as mulheres.

**Figura 7 - Mother art – Lavanderia 1977**



Fonte: <https://motherart.org/projects/1977-laundry-works/>

**Figura 8 - Mother art – Lavanderia 1977**



Fonte: <https://motherart.org/projects/1977-laundry-works/>

**Figura 9 - Mother art – Lavanderia 1977**



Fonte: <https://motherart.org/projects/1977-laundry-works/>

Conquistamos nossa liberdade de expressar sobre nosso próprio universo da maternidade. São experiências vivenciadas por nós, com o nosso próprio olhar sobre o nosso corpo. Atualmente, com o advento das redes sociais de comunicação, encontramos voz nas mídias nos permitindo disputar com a narrativa de uma maternidade idealizada, a nossa própria narrativa sobre nossos corpos. Essa disputa não é fácil, e não é simples diante da naturalização de um imaginário muito fictício da maternidade, construído e difundido para uma sociedade patriarcal e de consumo que dificilmente enxerga as mães pelo que são - sujeitos marginalizados e invisibilizados em seus corpos e espaços. A arte que emerge dos movimentos feministas busca fortalecer essa disputa e legitimar a narrativa das mães e, com isso, pressionar empresas, instituições e o Estado para sermos vistas além do estereótipo ou da idealização. Nosso olhar sobre os nossos corpos não busca ocultar todas as transformações que são vivenciadas no processo da maternidade. Nosso olhar busca legitimar as transformações da maternidade para que elas não precisem ser escondidas ou substituídas por imagens idealizadas.



Uma exposição que ocorreu na Pinacoteca em São Paulo nos ajuda a compreender o que as mulheres estão buscando sobre potencializar o real de seus corpos. A exibição “Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985” de 18 de agosto a 19 de novembro de 2018, conta sobre um período em que a América Latina vivia momentos tensos de governantes extremamente autoritários. Durante aquela época o corpo da mulher passou a ser político e símbolo de resistência, isso se deu através da relação de ser protagonista do seu próprio corpo, que era algo que não existia, pois o torso feminino sempre foi representado sob a visão masculina onde “o corpo é regulado e monitorado em vista de torná-lo dócil e produtivo, sendo a sexualidade elemento importante para a organização e estruturação deste poder/controle.” (MENDOZA, ALMEIDA, 2019, P. 114). A presença da mulher era ignorada e a arte contemporânea acolheu essas mulheres artistas que puderam fazer sua contribuição na arte com o corpo e a performance, onde abordavam temas como violência física, maternidade e o erotismo. A representação do corpo passou a ter novos valores e com esses atributos o “[...] eixo de suas intervenções a desestruturação dos formatos sociais que regulavam o corpo, levando ao surgimento de um novo corpo e à destruição do corpo anterior culturalmente estabelecido” (GIUNTA, 2018, p. 29 apud MENDOZA, ALMEIDA, 2019, P. 115). O corpo deixa de ser pontuado por uma única perspectiva, onde era retratado unicamente pelo nu e ganha força ao ser representado em sua total potencialidade.

[...] o feminismo artístico e o criticismo feminista da história da arte contribuíram para uma reformulação de valores estéticos e representações do corpo que ainda são vitais para nós. Eles liberaram a representação do desejo, forneceram novos saberes que prometeram uma expansão infinita: uma expansão das bases de nossa sensibilidade que, sem dúvida, contribuirá para uma maior emancipação estética da cidadania (GIUNTA, 2018, p. 33 apud MENDOZA, ALMEIDA, 2019, P. 116).

Reforçando a representação do corpo feita por mulheres mães que vivenciam a experiência da maternidade, me deparei nas mídias sociais com alguns coletivos de mães artistas. Criado por mulheres, pesquisadoras, estudantes e mães de Brasília, o ArteeMaternagem com a curadoria de Tatiana Reis e Marta Mencarini, procuram divulgar no perfil do *Instagram* @arteematernagem obras de mulheres que falam sobre a maternidade.

A artista visual e pesquisadora Ana Sabiá produziu uma série fotográfica, intitulada de “Madonas Contemporâneas” onde investigou o campo da arte, da filosofia, da antropologia e da psicologia social sobre a temática da maternidade. Em seu trabalho visual o varal de roupas é um cenário em comum nas fotografias com cada mulher retratada.

**Figura 10 - Ana Sabiá – Madonnas Contemporâneas**



Madonnas Contemporâneas, Ana Sabiá,  
2012-2013



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CO-f5LwFWuL/>

A artista Tatiana Reis expõe suas próprias estrias no pós-parto, marcas que seu corpo sofreu com a gestação.

**Figura 11 - Tatiana Reis - Notas sobre o corpo pós-parto**



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CMxr9nllS\\_i/](https://www.instagram.com/p/CMxr9nllS_i/)

As obras de Tatiana Reis nos colocam em contato direto e íntimo com a experiência orgânica e física das transformações por que passa um corpo que gera vida. Esse tipo de representação tende a ser deslocado e ocultado na mídia *main stream*, também chamada de mídia corporativa. Mas a arte pode circular nas redes para fortalecer um lugar de fala no qual a experiência real da maternidade seja representada pelas próprias mães.

O corpo humano transcende através da arte, passando a ser mais uma ferramenta de suporte artístico, transformando-o em sua própria obra. “O corpopolítico não é um olhar sobre o mundo, mas a visão de que se é o movimento do mundo” (NOSELA e PERETTA, 2018, P.26).

O corpo cria um pensamento, o corpo sustenta uma ação, o corpo vive um ritmo, as (des) continuidades, as intensidades, as disjunções, as alternâncias. O pensamento borbulha no corpo, o corpo contrai com o pensamento, o pensamento gera um movimento, o movimento do corpo provoca as matérias do mundo (DERDYK, 2001 P. 63 apud LONDERO, 2014, P.37).

Malu Teodoro aborda sobre sua experiência da violência intrafamiliar e a invisibilidade do trabalho materno vivido por mulheres após a maternidade. Ouvir que não trabalha, apagando o trabalho não remunerado que as mulheres vivem cuidando do lar e dos filhos. A obra é de fato muito dolorida e difícil de encarar a realidade vivida por muitas mães que não conseguem voltar ao mercado de trabalho. Os esforços da mulher mãe mantenedora do lar que cria e cuida dos filhos em casa é desvalorizada, a sociedade não enxerga como trabalho pois a mulher não recebe salário. A desconstrução/desorganização do cenário faz jus ao caos encontrado dentro de casa juntamente com a sobrecarga materna e apagamento da mulher mãe.

**Figura 12 - Malu Teodoro - bordar o invisível**



Os gregos negaram a existência das mulheres e da própria maternidade. O filósofo Aristóteles criou alguns mitos Atenienses, um deles conhecido como o mito de autoctonia que prega que os filhos nascem da Terra e não da figura feminina “(...) confirma o desejo de excluir a mulher da maternidade porque diz que Erichtonios, o primeiro homem, o primeiro cidadão ateniense, nasceu diretamente da Terra (Géia)” (GOMEZ, 2000, P.52). O mito ainda conta que Atena foi quem acolheu o recém-nascido. Atena que por sua vez também faz parte de um mito, pois supostamente ela nasceu do cérebro de Zeus e não de um corpo de uma mulher. O mito de Pandora deixa evidente o apagamento das mulheres, revelando que a mulher existiu após a civilização dos homens. Trata da existência da mulher e dos vários males do mundo em um lugar onde todos viviam harmoniosamente, sem a presença de mulheres; “relatado pelo poeta Hesíodo, que nos fala de um tempo em que as mulheres não existiam e os homens viviam felizes sem elas” (GOMEZ, 2000, P.53). Desse modo, é evidente o negacionismo da figura feminina na cultura grega. Como observa Sissa, o grande deus se apropria da maternidade, no sentido pleno da palavra, ao “comer”, literalmente, a deusa Métis, grávida de Atena (SISSA, 1993 apud GOMEZ, 2000, P. 53).

O trabalho invisível da maternidade faz parte desse papel de apagamento sobre nossos valores. “Você não trabalha? Você só cuida das crianças?” São alguns exemplos da falta de respeito que as mães precisam ouvir. Enquanto terceiros nos questionam sobre o trabalho invisível que é cuidar do lar, a cada pergunta dessa sendo feita as mães continuam com a sobrecarga de trabalho. Prova-se, assim, que a sociedade é boa em apontar o dedo, mas não em oferecer ajuda às mães.

Em nível de exemplo, em 2016, durante uma sessão na Assembleia da Comissão de Direitos Humanos, a deputada Manuela D’Ávila (PcdoB/RS) passou por um constrangimento, que poderia ser vista como um ato natural, amamentando sua criança em livre demanda durante os primeiros seis meses pós-parto. As pessoas não estão acostumadas ao ver uma mãe ocupando um lugar público, tão pouco realizando um gesto tão natural como alimentar sua filha. As mulheres estão cansadas de ficarem presas em suas questões e disso ficar somente no privado, precisamos e deveríamos ser vistas. Ser mãe é um ato político.

### III. PRODUÇÃO POÉTICA

Figura 13 - São necessárias muitas para dar conta



Fonte: Elaborada pelo autor.

**Figura 14 - Filho debaixo da asa de fada**



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 15 - Tirando leite



Fonte: Elaborada pelo autor.



**Figura 16 - Não sei exatamente as horas, se eu já escovei os dentes ou se tomei banho, mas é hora de alimentar as crias.**



Fonte: Elaborada pelo autor.

**Figura 17 - Queria deitar, mas tem roupa para lavar**



Fonte: Elaborada pelo autor.

**Figura 18 - Lavando as louças com as minhas lágrimas**



Fonte: Elaborada pelo autor.

**Figura 19 – Enquanto o filho brinca**



Fonte: Elaborada pelo autor.

**Figura 20 - A exaustão que vira brincadeira**



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 21 - Aulas EAD. Quem cuida de quem cuida?



Fonte: Elaborada pelo autor.

**Figura 22 - O ser mãe**

Fonte: Elaborada pelo autor.

No processo de produção poética, investiguei por meio da escrita auto reflexiva e da história de vida, elementos da minha própria experiência com a maternidade, para buscar desenvolver uma representação visual que legitime este olhar sobre a maternidade real a partir do meu olhar e do meu lugar de fala. Utilizei o método de pesquisa História de Vida, onde narro um momento específico da minha vida. “Narrar a vida é dela se re-apropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que "revivê-los"”, (Bosi, 1987, p. 55 apud ARAÚJO; BARROS; NOGUEIRA; PIMENTA, 2017, p. 468). Relembrar esses momentos desde a gestação me traz uma paz por já ter passado por certas fases que achei que não iria dar conta, e ter certeza de que nessa fase em que me encontro também vai passar e depois ficará guardado na memória.

A investigação sobre minha experiência para uma representação visual me levou a compreender a importância de um trabalho de arte educação que possibilite dar voz para diferentes experiências que as mulheres vivem com a maternidade. Esse trabalho educacional com arte é apresentado na parte IV desse estudo como uma proposta de oficina criativa para mães.

### **Quem eu era antes de você?**

Eu não precisava me importar com o tempo, eu ditava meu próprio tempo, totalmente dona de mim. Não me importava não ter dormido na noite anterior, pois no dia seguinte eu poderia repor meu sono. Não era importante me preocupar com a alimentação: eu não parava em casa, me preocupava com a faculdade, trabalho, meu tempo com meus amigos e meu namorado, então eu me alimentava na correria e na rua. Em casa, eu costumava ficar o dia inteiro no sofá assistindo filme ou meu canal favorito, *discovery home health*, que deve achar que eu morri. Eu amava dormir cedo e acordar tarde. Meu Deus, como eu gostava de ir ao Shopping comprar roupa, tomar uma casquinha e depois ir para o lado externo do shopping e ficar olhando para as árvores enquanto fumava cigarro. E não menos importante, pelo menos duas vezes na semana encontrava meus amigos no bar. Além disso, meu maior passa tempo desde 2014 foi descobrir uma forma para me expressar através da arte quando direcionei meu futuro passando na Universidade de Brasília. A terceira pessoa da família a passar na Universidade federal. Depositei um valor sentimental no curso de artes plásticas, onde achei que eu seria capaz de passar e fazer o curso que tanto amava. Eu estava certa, ali me encontrei.

Mas eu também era bem família. Sou a filha mais velha de uma mãe que teve que pausar tudo para conseguir cuidar das três filhas enquanto meu pai trabalhava fora o dia inteiro. Hoje, já crescidas, minha mãe não conseguiu voltar para as atividades como ela havia prometido para si mesma: ela trabalhava fora e fazia curso de costura quando eu nasci. Na sua segunda gestação ela tentou mais uma vez voltar para o curso de costura e de pintura em pano de prato e iniciou um curso de cabeleireira, porém não concluiu, pois teve sua terceira gestação. Ela não tinha nenhuma rede de apoio, sua família estava longe e ela não tinha muitas amigas aqui em Brasília.

Cresci sabendo dessas atividades que ela abandonou para se dedicar ao lar e na nossa criação, sempre senti que faltava algo na minha mãe, cuidar somente das tarefas domésticas nos deixam esgotadas, estressadas e exaustas e era esse cansaço que eu sempre percebi na



minha mãe. Por mais que ela tenha deixado de fazer o que gostava para cuidar da sua família, eu sinto que no fundo ela se questionava sobre como ela era antes de nós.

Eu me questiono todos os dias, conhecendo essa ferida na mãe eu lutei muito para não abandonar meus sonhos. Consegui seguir adiante graças a ela, que fica com meu filho. Mas existe um ponto que ninguém pode te ajudar, sua personalidade e sua identidade não será a mesma. É preciso se esforçar bastante para você se encaixar no seu novo eu. E hoje, de filha sendo mãe, não quero me encaixar sendo apenas mãe e dona do lar. A maternidade pode atrasar nossos sonhos, mas ela nunca irá impedir de sermos quem queremos ser. Ser mãe não vai nos parar.

Quando meu filho nasceu, eu achei que eu deveria me vestir diferente, porque se eu usasse as roupas antigas era como se eu estivesse renunciando minha condição de mãe, aquelas roupas pertenciam ao meu outro eu. Eu tinha que aparentar ser mais adulta, mais responsável. Era como se eu precisasse me vestir como mãe. Mas como as mães se vestem? Eu havia me perdido e não lembrava onde estava a chave para me libertar dessa prisão. Eu não lembrava de quem eu era.

No momento que o ser começa a ser gerado, você sente a expulsão de si, seus pensamentos, meus hábitos alimentares, para de frequentar certos ambientes, para de beber, fumar e de repente você começa a sentir afeto pelo desconhecido e se torna um ato natural desapegar dessa sua outra vida.

Segundo Menandro e Coutinho (2009), a identidade feminina se apoia, entre outras coisas, no ideário de maternidade. Uma vez não alcançado este ideal é de se supor que os alicerces dessa identidade sofram abalos repercutindo na configuração das subjetividades (MENANDRO E COUTINHO apud SILVA, 2012, P.106)

Mas o que acontece nesse processo não é apenas uma transformação natural de um estilo de vida para outro e sim um processo de ruptura com a identidade anterior devido à sobrecarga de um trabalho que fica todo concentrado na mulher e está invisível por uma idealização sobre as mães que ocupa e cega a visão da sociedade para enxergar a mãe real. Essa ruptura é o que faz com que muitas mulheres expressem com muita exatidão que amam seus filhos, mas não amam ser mães porque elas não podem amar esse processo que o papel de mãe na nossa sociedade nos reserva. A transformação que vem com a maternidade é natural, mas a perda da nossa identidade é resultado de uma construção social muito desigual. Não deveria ser natural você se afastar de quem você é.

Para você ter tempo você precisa contar com a ajuda de uma liga extraordinária. Sozinha você não dá conta, e mesmo com toda a ajuda, você não encontra tempo para se dedicar a si mesma. A falta de tempo para o auto cuidado pode gerar uma fragilização emocional e também uma fragmentação da nossa identidade pessoal. Nossas energias são drenadas e, de repente, vivemos uma desconexão interior dos nossos afetos, caindo num espaço indefinido e sem muita expressividade. Vivemos nos questionando com a pergunta “mas eu sou só mãe?”, e ser mãe é só mais um atributo nosso, mas não devemos nos reduzir em apenas ser só mãe e apagar quem éramos. É necessário transitar por novos espaços, buscar conexão consigo mesma por lugares que você já percorreu e que te fazem bem.

Afinal, o que é a mãe real? O que se espera de uma mulher mãe, são fórmulas prontas de ser, comportamentos e posturas. Vivendo uma regra que não foi feita por mães, são exigências cobradas por quem não vive a experiência da maternidade. Nunca se espera ver o real daquela mulher que não vive um mar de rosas como a sociedade espera. A mãe real precisa de colo, precisa ser ouvida, precisam dar o lugar de fala para que escutem suas lamentações, precisa ser amparada por essa sociedade que aponta o dedo, crucificando sua trajetória. Ser mãe é uma renúncia de seus prazeres.

O meu renascimento aconteceu em 2017, quando me tornei mãe. Eu tinha o desejo de ser mãe, só não sabia que era um eterno padecer na terra. O medo e a frustração de ter engravidado e não ter concluído a graduação pesou muito no início da gestação. Ser mãe, estudante, artista e dona de casa, mudou a ordem das minhas obrigações diárias e são funções que requerem muitas horas de dedicação. Por algum motivo eu sabia que iria passar pelo processo da maternidade e sendo graduanda. Eu comecei a ver a universidade com outros olhos, perceber que nos banheiros não havia trocador de fraldas, não havia chuveiro aquecido, e o mais importante, como eu iria conseguir prestar atenção na aula e dar todos os cuidados que meu bebê recém-nascido iria demandar? Sem contar na nossa locomoção: são necessários três ônibus na ida e três na volta para casa. Como levar carrinho de bebê, a mochila do bebê, minha bolsa e o que mais fosse necessário levar?

Chegando na parte burocrática de se tornar mãe, me deparei com os chamados exercícios domiciliares. De acordo com o que explica a Universidade de Brasília, “os exercícios domiciliares consistem no cumprimento das atividades escolares na própria residência do aluno. Aplicam-se à estudante gestante/ou pós parto e ao estudante portador de

afecção”<sup>4</sup>. No caso das alunas mães, nós temos o direito válido por três meses. No meu caso, dei a entrada nos exercícios domiciliares no oitavo mês de gestação. Eu não consegui seguir com o semestre 2/2017, a ansiedade para a chegada do meu filho estava a flor da pele, eu não tive cabeça para realizar os trabalhos a domicílio. Em novembro de 2017 eu pude conhecer o rostinho mais lindo do universo. O meu retorno a faculdade aconteceu em março de 2018, meu filho estava com quatro meses de vida. Nesse momento foi necessário que minha mãe cuidasse do meu filho. Como estratégia, peguei poucas matérias para ficar apenas um turno longe do meu filho e para que ele pudesse mamar no meu peito quando eu retornasse, para que ele não se acostumassem com o bico da mamadeira e largasse o peito uma vez que o uso de bicos artificiais atrapalham a amamentação.

No caso de mulheres mães que precisam trabalhar, a licença-maternidade dura quatro meses após o nascimento do bebê. Já a licença paterna pode variar entre 5 dias e 20 dias, dependendo de cada empresa. De repente você ficará 10 horas longe dele, mas é preciso voltar ao mercado de trabalho. Neste cenário, as mães se tornam descartáveis, pois a empresa encontra substitutos no intuito de manter a demanda de trabalho suprida e visarem lucro, uma vez que a mãe que retorna ao trabalho precisará de folgas um dia a cada mês para acompanhar o CD (Crescimento e Desenvolvimento) no posto de saúde caso não exista uma rede de apoio a ela disponível.

Como seguir a vida, voltar ao trabalho, voltar a estudar? São perguntas sem respostas, você precisa de ajuda para voltar a sua rotina e por diversas vezes você vai se deparar que não dá pra fazer exatamente tudo que você estava acostumada a fazer. Você precisa se adequar ao seu novo estilo de vida. Muitas vezes você precisa de ajuda para realizar o mínimo, como por exemplo tomar um banho, fazer uma boa refeição ou apenas ler um livro, que se tornam atividades raras nesse novo universo da maternidade. Desconheço a palavra concentração após o nascimento do meu filho, simplesmente foi para o espaço conseguir focar em algo que não seja o bem estar do meu filho.

Desde o início da gestação eu não soube digerir o que estava por vir, por mais que eu quisesse ser mãe o medo me sucumbia, e a tarefa de conciliar essas duas demandas entre maternidade e de ser estudante foi difícil. Gerar uma vida é um mistério para qualquer mulher. Nós ouvimos muito sobre a maternidade de pessoas que nunca passaram por ela. Essa idealização sobre o que é ser mãe se sobrepõe a experiência real e humana de ser mãe e

---

<sup>4</sup> <http://www.direito.unb.br/documentos/exercicios-domiciliares>

muitas vezes ocupa o lugar da experiência real na cabeça das pessoas, que param de enxergar as mães pelo que elas são, e param de ouvir as mães, ouvir suas demandas, reclamações, ouvir o que elas têm a dizer. E isso nos isola socialmente porque nosso lugar já está ocupado por uma ideia ficcional de mãe e os ouvidos estão cerrados para nossa voz.

Quando me tornei mãe, me deparei com uma realidade que era muito mais machista do que eu costumava reparar. Percebi o quanto a medicina está despreparada para proteger a mulher parturiente, por exemplo. Os casos de violência obstétrica são absurdos: o médico pode fazer um corte em você que resultará em não sentir prazer por mais de um ano. Para fazer um parto seguro você precisa estudar seus direitos para exigir respeito durante o seu parto porque você pode ser enganada ali naquela sala, indefesa, fragilizada pelo trabalho de parto e pela descarga de hormônios e incapaz de tomar qualquer decisão de forma mais distanciada e objetiva, o médico pode fazer você acreditar que você precisa fazer um parto cesariano que ao fim e ao cabo pode ser completamente desnecessário, mas foi pedido apenas para apressar o tempo que leva o trabalho de parto. Os paradigmas sobre o parto humanizado, apenas começam a ser discutidos e tentados, e ainda não foi pacificado enquanto prática entre os médicos obstetras. A compreensão de que o tempo que se leva não é tempo perdido, mas é o tempo do corpo e esse tempo se torna um enorme desafio em uma sociedade que se pauta na economia do tempo. E a necessidade de acelerar um parto com uma cesariana quando isso não é medicamente necessário, está baseada em uma visão machista sobre produtividade e que não considera a mulher parturiente como um sujeito de direitos. No Brasil o percentual cresce ano após ano e hoje fica perto de 55% de mulheres submetidas ao procedimento. Nem sempre as cesáreas são por necessidade em sua grande parte é por conveniência para acomodar a agenda dos médicos. Segundo a ONU, essas mulheres têm 3,5 vezes mais chances de morrer do que aquelas que realizam parto natural. Apenas 10% a 15% cesarianas realmente são necessárias no mundo.<sup>5</sup>

Mas, infelizmente a prática da cesariana foi banalizada e é vista como mercadoria e não como a sua função original que é era para atender casos que envolviam risco de vida<sup>6</sup>. Esse debate sobre o parto está começando a ser discutido em várias instâncias buscando uma transformação de uma cultura médica que se pautou por muito tempo no apagamento da experiência da mulher que se encontra no trabalho de parto. Somente em 2005, uma lei

---

<sup>5</sup> [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/161442/WHO\\_RHR\\_15.02\\_por.pdf?sequence=3](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/161442/WHO_RHR_15.02_por.pdf?sequence=3)

<sup>6</sup> <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/05/brasil-o-pais-das-cesareas-reduz-mortalidade-materna-menos-que-o-combinado.html>

nacional foi aplicada a todas as mulheres nos serviços públicos e privados (Lei nº. 11.108 23), afirmando o direito de terem um acompanhante de sua escolha durante o pré-natal e em todas as fases de internação para o parto, incluindo os períodos do trabalho de parto, parto e pós-parto<sup>7</sup>. Esse direito se deve a um movimento maior das próprias mulheres que passaram a exigir seus direitos junto aos hospitais. Com a visibilidade sobre essa questão, o paradigma da mãe real está começando ganhar o espaço na discussão da medicina, da enfermagem e a fazer parte das práticas médicas das equipes nas maternidades.

Ainda é muito chocante uma mãe dizer que ama seu filho, mas que não gosta de ser mãe, uma frase comum entre mulheres que querem desmistificar a maternidade. Talvez o que elas não gostam é de ser mãe nesse contexto que resulta em muita sobrecarga, incompreensão e cobranças de uma idealização não verbalizada claramente enquanto idealização que é. Essa ideia de guerreira, forte e preparada pra luta não é real, não estamos prontas para o combate diário e é muito importante desromantizar a maternidade na qual o papel da mulher é de entrega, exaustão, perda da identidade de mulher. Essa expectativa de que a mulher ocupe esse papel é muito pesada para elas. Além do mundo real que já é pesado por si, ser perfeito em um mundo real que é pesado por si só, é um peso duplo.

Ser mãe está relacionado a ser boa o tempo todo, e quem nos colocou nessa posição terrível? O patriarcado quer nos enfiar goela abaixo um modelo de maternidade impossível. Esse modelo estipula que a mãe tem um papel principal no que tange os cuidados internos: os incontáveis meses dentro do meu ventre, sofridos, o desconforto nos últimos meses da gestação, a ansiedade de conhecer o rostinho do seu filho, hormônios a flor da pele junto com a transformação no corpo se preparando para dar luz e você sendo pega de surpresa para ser uma nova mulher.

O que ninguém comenta é que quando nasce um bebê, nasce também um turbilhão de dúvidas e para a sociedade é um pecado a mãe se questionar, porque a mãe tem aquele instinto materno, não é? Então, nada deve ser questionado, porém, não existe um manual que dê conta do recado. O instinto não me disse que eu preciso ordenhar meu seio, senão o leite poderia empedrar e aquilo poderia gerar mais dor, mais incomodo. O instinto não me mostrou como dar mamar, ensinar a pega do peito pro bebê mamar corretamente, que, se quando o seio se enche de leite e você não está próximo ao bebê para amamentar, esse seio pode inflamar e

---

<sup>7</sup> [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2014001300020#:~:text=As%20mulheres%20foram%20mais%20frequentemente,32%2C7%25%20tiveram%20acompanhante](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300020#:~:text=As%20mulheres%20foram%20mais%20frequentemente,32%2C7%25%20tiveram%20acompanhante)

o bico do peito ficaria ferido e chegaria na carne viva. Mas as pessoas que pensam a jornada de trabalho não entendem essas realidades de uma mulher na condição de mãe. Elas têm que lidar com a incompreensão, com a indiferença, com a ignorância e com a idealização por sua própria conta. Esta é uma solidão que vem junto com a maternidade, a de não ser vista, ouvida ou percebida em sua realidade de mãe, porque preferem lidar com uma ideia que fazem sobre o que é ser mãe.

Ser mãe é um ato político, é lutar por seus direitos em cada ato do cotidiano. Eles são pequenos e envolvem pequenas rotinas como alimentar seu filho em público para que você possa atender as aulas do seu curso e evitar de ser desligada, você leva o pequeno para as aulas, mas quando ele está inquieto e cansado você precisa dar o peito para fazê-lo dormir. Esse pequeno ato de amamentar em público poderia passar despercebido se o olhar da sociedade fosse outro. Atualmente, o ato de alimentar seu filho pode ser encarado com maus olhares, vão te ensinar a cobrir o seio com o paninho, pois é feio uma mulher que mostra a teta para a sociedade. Mesmo quando se trata de um contexto de alimentação de um filho e desprovido de qualquer contexto ofensivo.

O tempo da mãe acaba dobrando em redes sociais, principalmente nas longas mamadas noturnas, acabamos nos deparando com mais mães artificiais, reforçando essa ideia da mãe perfeita, não nos sentimos acolhidas, só sentimos mais culpa e deslocadas. Vemos muitas famosas na mídia encorajando a mãe super heroína, que dá conta de tudo. Elas não falam que contam com suporte de ajudantes para terem noites bem dormidas e um dia a dia bem estruturado. Mas como ficam as mães “normais”, a grande maioria de mulheres que não podem contar com essa estrutura e encontram tarefas urgentes se acumulando? As famosas da mídia que reforçam a ideia idealizada de que é possível ser muito eficiente enquanto mãe, mulher, profissional e esposa, não te contaram a verdade que no seu lugar elas estariam igualmente exaustas, desorganizadas, e se cobrando ser uma mãe que não existe.

Outra situação que está embutida nessa sociedade patriarcal é que no puerpério você ainda está tentando entender o que está acontecendo e ouve dessas pessoas que você precisa continuar sendo vaidosa, senão seu companheiro pode te largar, que precisa voltar ao seu peso antigo etc. Só que nessa extra gestação que são os primeiros 3 meses de vida do seu bebê, você só está pensando em como fazer aquele bebê sobreviver. Ele depende 100% de você. Por este exemplo é possível entender a distância entre o que as pessoas acham que você precisa se preocupar, que é se manter atraente, e o que te preocupa dia e noite e as suas incontáveis horas insones com a preocupação em manter seu filho vivo. Essa preocupação pode não ter

uma base na realidade, mas ela é muito real e constante para todas as mães, ela está latente em cada pensamento. E a distância entre o senso comum sobre a maternidade e a experiência da maternidade é a distância entre uma maternidade abstrata e idealizada e uma realidade real, mas que permanece silenciada pela expectativa realizada.

Seus órgãos estão voltando para o lugar, os hormônios recompondo-se. Você fica preocupada com a alimentação e vai descobrir que dar mamar dá muita sede, a água é fundamental nesse período para a mãe não ingerir líquidos pode gerar uma complicação terrível e interferir na sua função intestinal, causando uma fissura anal, o que pode estar relacionado ao seu estado emocional, estresse, depressão e ansiedade. E isso eu não encontrei em guias maternos. Mas afinal, quem escreve os guias maternos? Por que, quando se escreve sobre maternidade, se preocupam tanto em omitir as partes desagradáveis? Será que fazem um manual baseando-se em uma mãe ideal e ignorando o fato de o corpo passar por muitas transformações e experiências orgânicas?

Dentro do universo de mulheres mães, somos responsáveis pela vida e pela formação daquele indivíduo e vamos ensiná-los a lidar com seus sentimentos. Ensinar isso pode parecer óbvio, mas, ao mesmo tempo, também estamos compreendendo nossos próprios sentimentos e buscando evoluir para conseguir dar uma orientação mais coerente para nossos filhos. Apesar de não ser só a mãe que educa a criança e que a família participa dessa criação de forma direta ou indireta, existem muitas incoerências devido às diferentes visões de mundo de cada um que participa nesse processo e, por mais que uma mãe queira educar seu filho de uma forma que não segue os modelos machistas, em alguns momentos esse esforço será diluído em meio a uma avalanche de orientações coalhadas de discursos machistas. Logo ela que é a destinatária de todas essas distorções sociais que são reforçadas pro esse discurso. Então essa responsabilidade que a mulher sente tanto pela vida e pela formação do filho se aguça em alguns momentos, quando é cobrado dela a responsabilidade por tudo o que o filho aprende mesmo que tenha sido de outras fontes que não a mãe. Ela vai ser sempre lembrada quando alguma coisa sair de controle e eu não sei se essa responsabilidade é lembrada pelo pai que também é responsável pela sua criança.

A sociedade nem tem preparo pra ouvir o choro e gritaria de uma criança sem querer sair cobrando da mãe que faça algo para parar com o aborrecimento. Em público, as pessoas demonstram baixa tolerância com as “birras” e pouco sentimento de empatia com as mães. Só que as “birras” em grande parte das vezes ocorrem como um limite de exaustão que a criança atingiu por estar na rua e sem ter tido sua rotina de sono, ou de água, de mamada, ou de

brincadeira. Elas vão se fadigando, e os adultos, que tem uma resistência infinitamente maior do que a criança, não percebem que ela está ficando cansada. E aí chega aquele momento em que ela atingiu o seu limite e ela vai chorar, gritar, berrar. É a frustração, o cansaço total, mas não consegue dormir ou serenar. Não sabe fazê-lo, pois está aprendendo a lidar com as próprias emoções. Mas nesse momento, os pais, que poderiam acolher a criança e mostrar segurança para que se acalme são jogados contra um paredão de julgamentos externos cobrando que coloque “limites” ao birrento. Ao ver uma criança com total descontrole emocional, em algum local público, podemos observar olhares de repreensão dos passantes que indiretamente cobram da mãe para disciplinar aquela criança. Julgar a mãe que não consegue acalantar seu próprio filho, ou julgar a criança, porque está histérica demais é algo tão naturalizado que as pessoas não se envergonham ao fazê-lo, pois de acordo com o manual da maternidade ideal, onde criança bem-educada não faz birra, isso não é socialmente aceito. E como nossa sociedade ainda não dialogou com a mãe real para perguntar o que ela precisa, se é de silêncio, de respeito, de empatia aquela mãe na maioria das vezes não sabe o que fazer ou simplesmente está esgotada e não tem forças para agir.

Existe uma desinformação que leva a maioria das pessoas não entenderem sobre o desenvolvimento infantil e esperarem que as crianças estejam sempre muito bem comportadas, e suas birras não serão aceitas. Diante dos olhares de cobrança, aquela criança entre os dois aos quatro anos que não sabe lidar com a sua frustração e está exausta em alguma de suas necessidades, vai estourar. As “birras” precisam ser ressignificadas, é um descontrole emocional, esse sentimento chega de repente no seu filho, nem ele entende o que está acontecendo com toda aquela emoção. O responsável pela criança precisa tentar descobrir o que está passando, quais são as necessidades, sentimentos e motivos, geralmente quando elas desabam em choro é uma consequência de não conseguirem verbalizar seus sentimentos. Aos que julgam deveriam olhar com cuidado sobre essas manifestações de descontrole emocional e ter empatia, pois as mães e as crianças precisam de acolhimento e de um abraço. A sociedade precisa saber acolher as mães e suas crianças reais.

A criança, quando nasce, se depara com um mundo novo e desconhecido, do qual precisa se apropriar durante o processo de socialização para se tornar parte integrante da sociedade e constituir um sujeito social, quando assume normas, valores, crenças, direitos e deveres, enfim, adquire uma identidade social (Doise, 1998; Duveen, 1994; Sá, 1996 apud Sampaio, Santos, Silva, 2008, p.177)



## **Quem cuida de quem cuida?**

O mantra “vai passar, é só uma fase” vale para todas as fases, e essa do puerpério é bom que você diga todos os dias, o bebê demanda muito da mãe, a sua rotina de sono vai estar completamente fora do eixo, igual à do seu filho que segue a rotina da fome que é muito presente, e precisa de cuidados constantes. O cansaço e o esgotamento sempre irão te seguir, acho que isso dura para sempre igual seu amor por aquele ser. Mesmo saturada você fica vidrada olhando aquele bebê no seu colo, e você pensa em como você viveu todo esse tempo sem aquele pequenino ser para acalantar.

As pessoas nunca falam sobre as coisas ruins de ser mãe, mas por quê? Não é sobre não querer ser mãe, é o trabalho exaustivo que você só descobre quando se torna mãe. Ser mãe é extremamente gratificante, você se encontra com alguém que te ama de verdade. Mas a exaustão da sobrecarga de trabalho na qual as tarefas domésticas se somam às tarefas da maternagem poderia ser evitada se a sociedade não enxergasse a mãe de uma forma tão idealizada e entendesse que não é justa a divisão do trabalho doméstico quando chegam os filhos.

É muito importante ter tempo para si mesma e você só realizará tais tarefas com uma justa divisão dos afazeres domésticos para dar conta do dia a dia. Com a ajuda da sua rede de apoio para cuidar do bebê, você vai dar prioridade de arrumar a casa que, com certeza, sabe o significado do caos, vai tentar organizar as roupas que ficam pendentes, lavar a louça que está na pia há dias, descobrirá que louça acumulada cheira mal e parar de se culpar, pois você não é muitas para dar conta de tudo, só resta se conformar e acreditar que dias melhores virão. Jamais pense que você está sozinha, todas as mães sofrem dessa falta de tempo. Você é ingrata? Como alguém pode te ajudar e mesmo assim você reclama da falta de tempo. É porque as ajudas recebidas são escassas, são pontuais e são insuficientes, a desigualdade na divisão do trabalho é avassaladora, não tem como você encontrar um ponto de harmonia. Eu sei que muito já se falou sobre a divisão do trabalho doméstico, eu gostaria de saber onde está a chave mágica para girar esse sistema que aprisionou as mulheres nesse lugar, de dar conta de uma casa, de um filho e receber migalhas de ajudas.

## **Solidão materna**

A solidão materna é outro tabu, porque é como se não existisse para as demais pessoas que não estão vivendo essa experiência. Elas não entenderam que a mãe foi isolada em sua condição, para se virar e dar conta sozinha dos aspectos práticos e dos aspectos emocionais

também. Ela não participa mais da vida social, pois está ocupada com os cuidados do bebê. No entanto, seu círculo social automaticamente a isola. Não se vê um movimento de reconhecimento ou de empatia desse momento tão solitário que a mãe atravessa. Tem a companhia do seu filho, como você se sente sozinha se seu filho está ao seu lado? O puerpério traz essa questão. Em meio à novidade e desesperos diários, nos vemos sozinhas tomando decisões que regem essa nova vida e transformam totalmente o que chamávamos de vida no passado. De repente você se encontra em um lugar desconhecido, onde é preciso libertar seu lado egoísta e individualista. É preciso ceder todos seus pontos nessa batalha contra o seu antigo eu.

Os amigos que poderiam te ajudar não terão empatia com a sua nova realidade de mãe. A solidão não é algo ruim em si, por que a solidão permite nos conectarmos com nossa experiência sensível e permite que a mulher se conecte com seu bebê e com a experiência vivida por outras centenas e milhares de mulheres que estão passando pela mesma situação, não é um caso isolado, a sua história pode e vai se encaixar com a história de outra mãe.

A solidão é um elemento muito central na experiência real da maternidade, mas também é uma experiência muito muda, muito pouco representada, e certamente muito difícil de se representar. Ao falar da solidão, percebo a necessidade de trabalhar essa dimensão com as outras mães, para que a solidão não seja sentida como um campo de exclusão, mas como um campo subjetivo de autoconhecimento e de conexão interior. Podemos ressignificar a solidão para voltarmos nela e construirmos oportunidades de interação, troca e interlocução com as outras mães e sabermos que ir para fora de si e voltar para dentro de nossas solidões é um momento necessário.

O lado sombrio de se viver na solidão é quando ela se encerra em si mesma, sem a possibilidade de acolhimento pelos outros atores, parceiros e redes de amigos. Então, nesse ponto a mãe pode se sentir desconectada da sua dimensão social. Mas se criarmos canais para expressão e representação das experiências que cada mãe vivência nas suas experiências solitárias da maternidade a solidão poderá ser compartilhada como um momento de muito aprofundamento pessoal. A mãe não quer eliminar a solidão, a mãe quer que sua solidão seja notada, e após ser visível ela será acolhida.

Antes você tinha toda uma vida estruturada, frequentava os ambientes quando e onde quisesse, uma rotina que você tinha controle. Depois de virar mãe você deseja dar uma respirada de ar livre e sair sem o bebê, mas aquelas pessoas que antes você estava acostumada

a sair não te preenchem mais, é muito comum você se sentir sozinha cercada de várias pessoas. Não é a proximidade com as pessoas que garante que você saia da sua solidão, mas o interesse que elas têm para saber o que você vivendo com a maternidade. Esse interesse você não encontra em pessoas que não tem filhos, somente com as outras mães. Por diversas situações, os assuntos não são compatíveis, você não viu os últimos três filmes em cartaz, não tá acompanhando a carreira do seu cantor preferido, não vai ter escutado o último álbum lançado, e daí você se sente isolada do mundo, o assunto que tá na ponta da sua língua é sobre maternidade, esse é o assunto que você anda pesquisando, esse é o assunto que você domina.

A solidão se torna uma exclusão quando a sociedade não tem interesse em saber como é a experiência real da maternidade, ninguém está interessado de fato em perguntar e aprofundar nesse assunto, e se você soltar sua voz e reclamar de seu esgotamento você vai ser julgada e vão te achar uma péssima mãe. E quando isso só fica no privado sua voz é silenciada e achamos que só devemos falar a parte boa e romântica da maternidade, a mãe se torna isolada com esse apagamento da maternidade real.

O esgotamento materno te leva a crer que você é uma péssima mãe. A cobrança de ser uma mãe perfeita tem seu preço. Essa cobrança é minha, mas também é pouco dos outros. Por exemplo, chegou a hora do jantar e terceiros querem te cobrar que você não está dando a comida na hora certa, e não ver que você já está preparando ou que você está ocupada com alguma outra coisa e não pode resolver naquele momento. Essas cobranças se repetem em pequenas situações do cotidiano e levam sempre a essa preocupação de fazer tudo prontamente e da melhor forma possível, e isso se torna uma preocupação constante porque a mãe tenta fazer para evitar ser cobrada.

Porém se você conseguir se distanciar da sua própria cobrança por não acha que você é uma boa mãe, da preocupação em evitar em ser criticada, e das cobranças que virtualmente acontecem, você vai notar que você está dando o seu melhor naquele momento. Mas para chegar a este lugar você precisa superar os obstáculos que estou citando.

Existirão dias que você só quererá ficar deitada no sofá, tentando ter uma crise existencial ou assistindo na sua TV que há muito tempo só passa desenho, mas infelizmente o dever te chama. É preciso cuidar de outra pessoa além de cuidar de você mesma. Só que nesse dia, você não consegue brincar com seu filho, falar, ser o que você acha que precisa ser, porque nesse dia você precisa dividir essa tarefa. Apenas porque precisamos de poder dar um tempo do cotidiano, dar um tempo da lida, dar um tempo da mesmice, porque ser mãe é uma

atividade repleta de muitas tarefas repetitivas, muito acima do normal, quem não está às voltas com o cuidar do bem-estar dos filhos não consegue dimensionar como a repetição de tarefas é psicologicamente cansativa e por isso as mães precisam encontrar aqueles momentos onde elas saem do cotidiano para poder se renovar e se nutrir com outras atividades que não são parte da rotina dos cuidados de filhos. Mas o imaginário social sobre como devem ser as mães ignora que as mães são pessoas que precisam desse ar fresco, elas não são ilimitadas, incansáveis. Elas precisam de variar o repertório de atividades, porque a repetição cansa e cansa de uma forma emocional e psíquica. Quando uma mulher tenta atender o ideal da mãe perfeita ela pode entrar num processo de autocobrança que se parece com estar presa numa caixa sem furinhos, sufocada de exaustão e se questionando se o seu jeito de maternar está certo. Mesmo dando o seu melhor nos momentos que consegue, ainda existem dúvidas porque maternar envolve muitos conhecimentos e aprendizagens e além de suas frustrações diárias ainda é preciso enfrentar os palpites de plantão que dificilmente vão oferecer ajudar com as tarefas.

Os meus desenhos refletem na dor do esquecimento de quem eu era e sobre a falta de tempo. O esquecimento de quem eu era deixa no lugar um linear de fragilidade e insegurança e dúvidas, porque onde me encontro não há acesso para aquela identidade que eu tinha antes de te ter me tornado mãe. Houve uma interrupção. Não é uma linha contínua entre ser uma mulher e ser uma mãe, porque no momento em que viramos mães há uma avalanche de tarefas e experiências com os cuidados com um bebê que não deixam sobrar espaço para integrar as outras dimensões da minha identidade. Porque ser mãe para mim e para a grande maioria das mulheres é uma experiência muito intensa que modifica não apenas nossos corpos, nossas mentes, mas também as nossas identidades. É uma experiência que pede nos doarmos completamente para processo que é muito dinâmico, desafiante e frágil em si mesmo e envolve muitos riscos nos cuidados de um bebê e por cima de tudo isso estamos constantemente lidando com as cobranças para sermos uma mãe idealizada pelo imaginário social e que se manifesta nas expectativas e cobranças mais banais do dia a dia nas falas dos nossos familiares, amigos e conhecidos. Em meio a essa ruptura entre minha identidade anterior e esta que ainda não se formou preciso me comprometer com a minha produção artística para me desligar deste cotidiano cansativo e encontrar uma conexão comigo mesma.

A reflexão que faço em meus desenhos também é sobre o patriarcado, e meu desejo de lutar contra esse sistema. Eu não quero ser estatística entre as mulheres que se tornam mães e se tornam somente donas de casa. Eu preciso seguir meus sonhos também, mas segui-los

significa ser julgada, aos olhos de uma sociedade que ainda espera e pensa que eu deveria ficar cuidando de casa e parir mais filhos. São poucas pessoas que aceitam a decisão de uma mãe em seguir com os estudos ou na sua carreira profissional e a apoiam dividindo a carga de trabalho doméstico para que ela saia adiante.

Resolvi desenhar sobre o tempo, mas não é sobre relógios, fiz a falta de tempo, a realização dos meus desenhos se encaixa na hora da soneca do meu filho. Nunca pode ser na hora que a ideia está surgindo, eu não consigo me dar a este luxo de realizar algum trabalho enquanto meu filho corre pela casa inteira.

A reinvenção para se adequar nessa nova fase foi pensar em como eu poderia desenhar em meio ao caos. Foi aí que, para voltar a produzir, eu utilizei a técnica do desenho cego. Foi a maneira mais eficaz no quesito desenho rápido e sem me importar com a forma, o resultado encontrado foi o que eu poderia fazer naquele momento, sem me cobrar tanto. O foco passou a ser eu me importar com a poética e o significado de conseguir produzir. Foi o que me ajudou a dar valor ao meu processo criativo, já que ele havia sido bloqueado em meio a tantas rupturas subjetivas impostas pela maternagem.

É difícil encontrar tempo para devanear sobre os assuntos que me interessam. A crise de criação e também de identidade se encontram aqui, onde eu tento desenhar coisas que eu acreditava antes de me tornar mãe. Mesmo com a minha nova realidade, não pude deixar de ser obcecada por árvores e fadas. Eu acostumava ficar numa mesa de bar e fazer poemas e depois surgia o desenho dessa reflexão e aí eu teria um dia inteiro para desenhar. Agora eu faço o esboço quando ele está assistindo ou brincando e só quando ele vai dormir que consigo pintar, o antigo processo de pintar o dia inteiro agora ressalta em pintar por várias noites picadas.

Conforme meu filho cresce, a dinâmica em conseguir realizar mais desenhos também cresce. Na pandemia, consegui produzir pinturas a respeito do caos dentro de casa. Com aulas a distância e os afazeres domésticos, é a minha terapia diária expor aquilo que está na minha experiência individual e mostrar ao mundo sobre essa experiência de mãe caótica, e sobre o que é necessário deixar de fazer para poder produzir.

Mães param de produzir? Por um momento eu achei que sim, eu não conseguia me encontrar dentro da minha linguagem artística. Para o meu novo eu ficar evidente na minha linguagem artística eu tive que integrar o meu eu do passado com nessa nova fase. Precisei ressignificar o tempo que eu não tinha livre para desenhar e tive que fazer isso em um longo

período de questionamentos, isso não seria possível se eu não quebrasse a barreira de ficar se lamentando sobre não ter tempo para meu processo criativo, do velho que tinha tempo para desenhar e do novo que não encontrava tempo, mas que precisou se ressignificar no tempo. Portanto agora eu sou uma mãe fada que desenha quando encontra um espaço, entre os afazeres domésticos, trabalhos de faculdade, leitura de textos, ter um tempo com o companheiro e sempre cuidando do meu filho. Essa foi uma integração que deu muito trabalho para fazer, eu tive que me permitir e aceitar a minha nova condição, mas não abri mão de encontrar alguma forma de desenhar.

#### IV. PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

**Oficina:** Representação real da maternidade por meio de suas próprias experiências

Com base nas reflexões que emergiram nos meus relatos, compreendi a necessidade de se realizar um trabalho de exploração sensível e expressiva para mulheres que vivenciam diversas maternidades e diversas transformações em suas identidades nesse processo. Identifiquei nesse processo a necessidade de um trabalho educativo que ofereça às mulheres a possibilidade de elaborar e representar todas as transformações vividas com a maternidade: se encontrarem, falarem, ouvirem, se reconhecerem, se acolherem, e explorarem diferentes olhares e sensibilidades que lhes possibilite uma integração das suas vivências subjetivas individuais e coletivas em face do tensionamento diário para lidar com as dicotomias e os apagamentos estruturais sobre a experiência da maternidade.

Dessa forma, surgiu a ideia de planejar uma oficina para propor uma abordagem em arte educação com mães a fim de promover o processo de representação da sua própria experiência com a maternidade a partir de atividades de laboratório sensorial, exploração sensível do olhar, e dinâmicas lúdicas e expressivas para desenvolver a confiança, o vínculo com o grupo e a representação de suas próprias experiências por meio de relatos, desenhos, movimento e encenação.

Com base nos achados da minha pesquisa individual desenvolvi na Oficina algumas abordagens em arte educação para trabalhar atividades de escuta, acolhimento, expressão e integração das identidades de mulher e de mãe, exploração sensorial da autoimagem, atividades lúdicas e criativas para a representação da maternidade e da própria infância, e busca de caminhos de expressão para a representação poética da experiência pessoal com a

maternidade. Essa proposta pode ser de grande importância, como parte de ações afirmativas para o empoderamento das identidades femininas, de mães, para a auto estima, o auto cuidado e o bem viver.

Visando a problemática em que as mães precisam ser ouvidas, a oficina conta com atividades pedagógicas para um grupo de mulheres mães, que desejam trabalhar a representação da experiência real da maternidade. A proposta da oficina é desenvolver atividades onde darão início aos relatos sobre as dificuldades que as mães enfrentam em seu cotidiano e com base nesses relatos elas possam explorar elementos poéticos e possibilidades de representação artística dessas experiências e nesse processo de pesquisa, desenvolverem uma linguagem poética. A abordagem de pesquisa de história de vida e representação foi pensada com base nas minhas próprias observações e questionamentos sobre essa grande transformação de me tornar mãe em um mundo que não nos enxerga como mulheres mães reais, e como esse apagamento cotidiano torna os nossos dilemas cada vez mais particulares invisíveis, e nos torna cada vez mais isoladas dentro de nosso próprio mundo pessoal, sem coragem para falar e conseqüentemente cada vez mais sem nossa voz na sociedade. A proposta da Oficina dessa forma, é a de possibilitar o encontro, a fala, a escuta, o reconhecimento, o acolhimento, o vínculo, como método de trabalho para a investigação de elementos expressivos que emergem nos relatos com base na abordagem da história de vida, que possam subsidiar a expressão e a representação artística da experiência das mulheres com a maternidade.

### **Formato da Oficina**

A Oficina poderá ter o formato presencial, o remoto, e o híbrido, combinando encontros presenciais e encontros por plataforma de aprendizagem e vídeo chamadas. No formato presencial, acontecerá em 2022, terá quatro encontros nos finais de semana do mês de março, celebrando o mês da mulher e mais quatro encontros no mês de maio, celebrando o mês das mães. (Um desejo que os encontros presenciais possam ser realidade). Nos primeiros encontros a proposta será de acolhimento e fortalecimento do vínculo por meio de apresentações, atividades lúdicas que promovam os relatos, e o escutar, o acolher, o reconhecer das vivências compartilhadas sobre o processo real da maternidade de cada mãe. As mães serão colocadas em uma roda de conversa, onde a comunicação possa ser direta, será um espaço para compartilhar.

No formato remoto, e com a intenção de atender as mães no puerpério, ou aquelas que estejam em alguma situação que não seja possível comparecer ao encontro presencial, pegando gancho das plataformas que foram ferramentas bastantes usadas durante a pandemia, podemos fazer encontros assíncronos, onde serão passados textos-base combinados com rodas de conversa onde a participação aconteça nos fóruns, formando um debate, em que as demais mães possam ler e fazer comentários. Os fóruns também poderão ajudar a organizar eixos temáticos propostos pelas mães e que vão surgindo ao longo dos relatos e das rodas de conversa, como categorias de experiência nesse processo que é de construção coletiva.

No formato remoto e no formato híbrido (presencial combinado com o remoto), também podemos agendar um encontro on-line síncrono com as mães, para que possa ocorrer um debate no qual elas sejam ouvidas. O formato ‘Live’ também pode ser outra ferramenta de interação, no qual posso conduzi-las em tempo real para uma aula inaugural, explicando a proposta, com a duração de 1 hora e no próximo encontro elas participam de suas casas, com o encontro síncrono, passando a palavra para cada uma se colocar, (com um grupo entre quatro e oito mães.)

O público alvo das oficinas são as mães que se inscreverem na Oficina que poderá contar com parceria com a Secretaria de Educação, por exemplo, ou com escolas parceiras e centros comunitários. Essa oficina, por exemplo, poderá ocorrer de forma presencial nas escolas onde houver mães e gestantes, e em uma escola da comunidade para acolher as mães do EJA para que elas compartilhem suas vivências e desafios de ser mãe e estudante.

### **Laboratório sensorial**

Trazer atividades lúdicas, sensoriais e exploratórias para possibilitar que as mães que vivem a maternidade possam se reconectar com as experiências lúdicas e expressivas e encontrem formas para representar essa experiência. Nessa proposta, serão ministradas uma sequência de atividades para desenvolver as vivências criativas que antecedem o trabalho de exploração expressiva para experimentar com as linguagens artísticas. As atividades ocorrerão da seguinte forma:

#### **Apresentação e relatar sobre a sua experiência materna**

##### **Atividade:**

a) Uma apresentação de cada participante em uma roda de conversa. Cada participante se apresenta para o grupo e faz um relato de uma experiência de sua escolha sobre a maternidade



e que gostaria de compartilhar com o grupo, pode ser o relato de um evento, pode ser o relato de uma percepção dessa experiência.

b) Trabalho em duplas. Cada participante escolhe uma colega para dizer para ela que aspectos em seu relato a impressionaram, tocaram, e chamaram a atenção. E com base nesse retorno, oferecer para a colega a impressão que teve dela. Depois, se pode trocar de lugar e oferecer um comentário sensível de alguma percepção sobre a outra colega, agora trocando de lugar.

c) ao final, cada uma escolhe um elemento significativo ou simbólico e faz uma representação acerca da colega e oferece para ela essa representação. Pode ser desenho, escrita, ou outro gênero de sua escolha. Essa troca de impressões entre as participantes as possibilita expressar os olhares e as percepções que as mães têm desse primeiro contato entre si, e fortalece a confiança para se expressarem em um espaço seguro e acolhedor. Além disso, a atividade aprofunda o vínculo com o grupo, na medida em que se sentem percebidas, reconhecidas em alguma dimensão de sua subjetividade, e acolhidas. Esse contato sensível e perceptivo entre as mães feito por meio de expressão do olhar que elas têm, umas para com as outras, permite que se sintam reconhecidas e isso inaugura o vínculo com o grupo e as empodera para ocuparem o seu lugar de fala e poderem elaborar os seus relatos e as suas vivências por meio deles.

### **Observação**

#### **Atividade:**

a) Formar duplas e se sentar uma de frente para a outra e ficarem se observando por um período de 10 minutos. Podem absorver o olhar, a expressão, a postura, se existe desconforto, inquietude, alguma mania, etc. Anotar o que observou e anotar o que ouviu sobre si mesma, se essa experiência de contato visual, não verbal, com a outra mãe causou algum sentimento ou reação.

b) após o tempo de contato visual não verbal, fazer um exercício de expressão sobre as suas impressões nessa comunicação não verbal com a outra mãe. Fazer um trabalho onde expressa essa experiência, em alguma linguagem como pintura, desenho, movimento ou qualquer outro meio artístico.

c) oferecer para a sua parceira de atividade e contar como foi para você essa vivência de proximidade visual não verbal e que elementos a outra mãe te comunicou nesse período em que se olharam sem nada dizer.

### **Tempestade cerebral; falar sobre como as mães não se sentem representadas**

#### **Atividade:**

- a) Individualmente, cada mãe pode escrever um relato de alguma situação na qual sentiu algum tipo de invisibilidade, como por exemplo, alguma recusa de alguém em perceber alguma questão relacionada com a situação real da maternidade. Pedir para que ela conte o que aconteceu, como ela se sentiu em relação à essa situação, como ela reagiu. Como reagiram à reação dela;
- b) em uma roda de conversa elas irão contar essa história, e as outras mães poderão fazer perguntas, comentar, e sugerir outro desfecho para o ocorrido;
- c) as mães fazem um inventário das situações relatadas e escolhem aquelas que são mais interessantes para se montar um quadro de encenação da situação. Cada grupo escolhe uma situação para montar uma cena;
- d) em 20 minutos elas discutem e planejam a encenação e apresentam para o grande grupo, mas propondo um desfecho diferente daquele que ocorreu na situação relatada originalmente.

### **Solidão materna**

#### **Atividade:**

- a) Cada mãe faz uma tempestade cerebral com as palavras que estão relacionadas com a vivência da solidão e do sentimento de isolamento social que acontece em diferentes situações. Para cada mãe, a experiência de solidão é diversa. Pode ser boa, ruim, as vezes boa, as vezes ruim. E cada mãe pode expressar e representar as dimensões da solidão de formas muito particulares de acordo com os elementos expressivos que irão aparecer em seu relato e observação de como percebe e vivencia essa experiência.
- b) Após essa coleta de informações, selecionar palavras-chave e desenvolver seu processo criativo a partir dessas palavras.

Na produção artística deve conter registros desse processo de criação, com fotos/vídeos com as produções realizadas ao longo da oficina para uma futura exposição. As filmagens acontecerão ao longo do processo e que depois podem virar um documentário.

### **Objetivo**

O objetivo com essas atividades é que cresça o vínculo grupal, fortaleçam a expressão visual de impressões visuais não verbais. Que com a ajuda da oficina essas mulheres mães tenham autoconhecimento, reconhecimento e empatia. E que desenvolvam a autopercepção e

a autovalorização. E que possam se questionar ao fim da oficina com as seguintes perguntas; Como você se encontra agora? Esse contato com as outras mães ajudaram no seu processo de autoconhecimento?

### **O reencontro**

Em maio acontecerá o reencontro com essas mulheres, o objetivo maior é que essas mães possam representar a sua real vivência sobre o seu matinar. E se continuaram com suas produções e se ressignifiquem as questões trabalhadas na oficina anterior. Tais como:

Nossas questões precisam sair do privado e ter espaço na sociedade. Experiências vividas no cotidiano muitas vezes não são reconhecidas por aqueles que não estão vivenciando e envolvidos com a experiência da maternidade e em decorrência desse não reconhecimento no olhar, essas questões também não encontram eco nas representações artísticas e culturais. Por exemplo, uma mãe angustiada porque o filho não se alimenta direito, seja por restrição alimentar ou seletividade alimentar. Esse desamparo de preocupação sobrecarrega uma mãe que precisa ficar regularizando a comida que seu filho gosta de comer, além das outras inúmeras obrigações. E em roda as mães vão começar a fazer seus relatos, falar desse tipo de situação que pela sociedade passam despercebidas e que as mães lidam em seus cotidianos. Expor e expressar essas tensões diárias e os tensionamentos entre a maternidade e a invisibilidade da maternidade, entre a maternidade ideal que é promovida em detrimento da maternidade real pode ser um movimento importante para as mães saírem de um isolamento social que não é verbalizado porque está oculto socialmente. A oficina pode promover um espaço de socialização das experiências, e das pressões que a mãe real enfrenta propondo colocar na tempestade cerebral, depois de escrever, abrir espaço de fala para cada uma contar o que todas precisam ouvir, talvez ali existam mães que se identificam com o que foi relatado por outra mãe e é aí, nessa fala e nessa escuta que elas irão se reconhecer, se identificar, e não mais irão se sentir como um caso isolado.

A solidão na maternagem não é necessariamente ruim, porque o próprio processo de maternagem é muito físico, cansativo e pede pelo recolhimento, pelo repouso, e pelo envolvimento com seu filho (a). Mas a falta de compartilhar sobre suas experiências é que podem ser sentidas de forma ruim, pois há um movimento de ir para dentro, e outro de ir para fora, para se renovar e esses dois momentos de complementam continuamente. E após um período de introspecção, de dedicação, e de uma rotina que é extenuante, encontrar esse espaço de compartilhamento pode trazer uma vivência social de reconhecimento mútuo e de

pertencimento. Na oficina vamos colocar para fora todos nossos medos, receios, vontade sumir e transformar numa linguagem, podem desenhar, pensar num diálogo, um roteiro, um monólogo, uma dança, uma performance. O importante é que se possa construir uma representação da experiência que acabou de relatar com base naqueles elementos que foram mais significativos em seu olhar sobre essa experiência. As mães devem finalizar em casa e trazer nos próximos encontros no mês de maio, a sequência de suas criações que se iniciaram a partir dos relatos que deram início nos encontros que ocorreram no mês de março. Em abril, serão feitos encontros assíncronos na plataforma, por meio de fóruns para que elas comecem a construir um espaço de interlocução e organizar os temas para as suas discussões acerca da experiência com a maternidade.

## CONCLUSÃO

Espero que esse estudo possa contribuir para novos estudos e pesquisas acerca do lugar de fala das mães em sua experiência com a maternidade e que a solidão resultante de um apagamento social e cultural possa ser convertida em um espaço de fala, de expressão e de criação por meio da abertura de oficinas as mais diversas para que as mães possam se encontrar, falar, ouvir e representar na arte esse olhar particular e privilegiado que elas têm para oferecer sobre a experiência da maternidade. Espero e desejo que muitas oficinas como esta que aqui proponho possam se multiplicar e acontecer nas escolas, nas associações de comunidade e em outros espaços, para transformar o apagamento social, a invisibilidade, e todas as dificuldades culturais com as quais as mães têm que lidar em meio aos outros desafios que chegam com a maternidade. Espero que nessa nova década sejamos capazes de reverter essa situação e reconhecer as mães no centro de seu lugar de fala para emanar sua sensibilidade, sua subjetividade, suas aprendizagens e ensinamentos sobre essa experiência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA; CASTRO. **A Vênus e seu corpo histórico nas obras de arte**. UniÍtalo em Pesquisa, São Paulo SP, v.8, n.4 out/2018. Disponível em: <http://pesquisa.italo.br/index.php?journal=uniitalo&page=article&op=view&path%5B%5D=248&path%5B%5D=228>

ALMEIDA; MENDONZA. **Apontes sobre a estética política feminista**. Feminismo em América Latina. Espirales, n. IV, Vol. II, Out. 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/download/1603/1718/6863> Acesso em 05 de Maio 2021.

ARAÚJO, Elisângela. Representações sociais da maternidade por mulheres adolescentes. Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10302/1/DISSERTACAO%20Elis%20C3%A2ngela%20Lima%20Ara%20C3%BAjo.pdf> Acesso em: 06 de Abr. 2021

COSTA, Vani. **Corpo e História**. Revista Ecos. Cáceres, v. 10, n. 1, p. 245-257, jul./dez. 2010. Disponível em: [http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v\\_10/245\\_Pag\\_Revista\\_Ecos\\_V-10\\_N-01\\_A-2011.pdf](http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/245_Pag_Revista_Ecos_V-10_N-01_A-2011.pdf) Acesso em: 01 de Maio 2021.

COUTINHO, Andréa & Loponte, Luciana. (2015). **Artes visuais e feminismos: implicações pedagógicas**. Revista Estudos Feministas. 23. 181-190. 10.1590/0104-026X2015v23n1p181. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Loponte/publication/276373585\\_Artes\\_visuais\\_e\\_feminismos\\_implicacoes\\_pedagogicas/link/s/563a254008ae45b5d284a0bf/Artes-visuais-e-feminismos-implicacoes-pedagogicas.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Loponte/publication/276373585_Artes_visuais_e_feminismos_implicacoes_pedagogicas/link/s/563a254008ae45b5d284a0bf/Artes-visuais-e-feminismos-implicacoes-pedagogicas.pdf) Acesso em: 15 de Abr. 2021.

COUTINHO, S. M. S., MENANDRO, P. R. M. A dona de tudo: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa. Editora da UFES, 2009. Disponível em: [http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3120/1/tese\\_2469\\_.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3120/1/tese_2469_.pdf) Acesso em: 12 de Abr. 2021.

DAZZI, Camila. **A Mitificação da Mulher na Cultura Figurativa do último Oitocentos - análise da tela “Mater” de Henrique Bernardelli**. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai.

2006. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/obras/mater\\_eba.html](http://www.dezenovevinte.net/obras/mater_eba.html) Acesso em: 10 de Abr. 2021.

DELFIN, Joyce. **“Querem seu colo de Madona”**: Considerações sobre a representação do corpo materno. Revista da graduação eba/ufrj. Rio de Janeiro, RJ. ed. 6, jul/2019. Disponível em: <https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2019/09/colo-de-madona.pdf>

DINIZ, Carmen Simone Grilo et al . **Implementação da presença de acompanhantes durante a internação para o parto: dados da pesquisa nacional Nascer no Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 30, supl. 1, p. S140-S153, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2014001300020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300020&lng=en&nrm=iso) Access em: 08 de Maio 2021.

ESTADÃO. **Mães na arte, da Madona à mulher moderna**. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/maes-na-arte-olhar-feminino/> Acesso em: 15 de Abr. 21

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da arte**. 16 ed. Rio De Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2015. Disponível em: <https://mega.nz/file/f9oWVYJQ#edMUr7E35UAYt6fwgqby4d1x9leEp-nEQ-lpGcLAgCY>

JANSON, H.W. **História Geral da Arte: O mundo antigo e a idade média**. Renascimento Barroco, v. 2. 2ª edição - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOPONTE, Luciana. **Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência**. Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.148-164, Jul/Dez 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Loponte/publication/276373585\\_Artes\\_visuais\\_e\\_feminismos\\_implicacoes\\_pedagogicas/link/s/563a254008ae45b5d284a0bf/Artes-visuais-e-feminismos-implicacoes-pedagogicas.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Loponte/publication/276373585_Artes_visuais_e_feminismos_implicacoes_pedagogicas/link/s/563a254008ae45b5d284a0bf/Artes-visuais-e-feminismos-implicacoes-pedagogicas.pdf) Acesso em: 23 de Abr. 2021.

LOPONTE, Luciana. **Sexualidades, ar Sexualidades, ar Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino**. Revista estudos feministas. Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.148-164, Jul/Dez 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Loponte/publication/276373585\\_Artes\\_visuais\\_e\\_feminismos\\_implicacoes\\_pedagogicas/link/s/563a254008ae45b5d284a0bf/Artes-visuais-e-feminismos-implicacoes-pedagogicas.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luciana-Loponte/publication/276373585_Artes_visuais_e_feminismos_implicacoes_pedagogicas/link/s/563a254008ae45b5d284a0bf/Artes-visuais-e-feminismos-implicacoes-pedagogicas.pdf) Acesso em: 29 Abr. 2021.

LONDERO, Alessandra Camargo. **O corpo na arte da performance: artistas visuais e artistas da cena do Rio Grande do Sul**. Universidade Federal de Santa Maria RS, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/5229/LONDERO%2c%20ALESSANDRA%20CAMARGO.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 08 de Maio 2021.

MACÊDO, Silvana. **A expressão do poder materno na arte contemporânea**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498841431\\_ARQUIVO\\_SILVANA\\_MACEDO.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498841431_ARQUIVO_SILVANA_MACEDO.pdf) Acesso em: 20 de Abr. 2021.

CULTURA GENIAL. **Escultura Pietá, de Michelangelo**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/pieta-de-michelangelo/>

MIRANDA, I. G. B. B. **As representações da estética do corpo feminino**. Monografia (Faculdade de Desporto) – Lisboa: Faculdade de Desporto Universidade do Porto. 2008.

MULIER. **Maternidade é temática recorrente na Arte Ocidental**. Jornal Mulier – Maio de 2014, Nº 124. Disponível em: <http://jornalmulier.com.br/maternidade-e-tematica-recorrente-na-arte-ocidental/> Acesso em: 22 de Abr. 2021

NETO, Renato. **A rival de Vênus: A beleza feminina no renascimento e seu contraste nos retratos de Ana Bolena**. Anais do XIII Encontro Internacional de Estudos Medievais. Sobre Margens, Diversidades e Ensino - ISSN 2526-8465. Disponível em: [http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais\\_eiem/article/view/541](http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais_eiem/article/view/541) Acesso em: 03 de Maio 2021.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide e PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei , v. 12, n. 2, p.466-485, ago. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 10 de Maio 2020.

NOSELLA, Berilo L. D. e PERETTA, Éden. **CORPOLÍCO Corpo e política nas artes da presença**. 1ª edição, 2008. Ouro Preto. Disponível em:



<https://www.editora.ufop.br/index.php/editora/catalog/view/145/115/378-1> Acesso em: 13 de Maio 2021.

OLVEIRA, Paula Barbosa. **A mulher atual e a representação da maternidade.** Universidade Católica de Pernambuco. Pernambuco PE, 2007. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-82088/a-mulher-atual-e-a-representacao-da-maternidade> Acesso em: 13 de Maio 2021.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. **"Tem que ser uma escolha da mulher" representações de maternidade em mulheres não-mães por opção.** *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 300-306, Aug. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822012000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007&lng=en&nrm=iso) Access on 08 May 2021.

QUINTANA GOMEZ, Graciela. **A maternidade como enigma: Atenas, as Luzes e Freud.** *Physis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 51-74, Dec. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312000000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312000000200003&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 08 de Maio 2021.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; SILVA, Maria Rejane Ferreira da. **A representação social da maternidade de crianças em idade escolar.** *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 174-185, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932008000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100013&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 08 de Maio 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica.** Columbia University Press. 1989. Traduzido por: Cristine Dufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf) Acesso em: 02 de Maio 2021.

SENNA, Nádia. **A imagem da mãe pelas artistas plásticas do século XIX. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos.** 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1268059050\\_ARQUIVO\\_Maternidade\\_FG9.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1268059050_ARQUIVO_Maternidade_FG9.pdf) Acesso em: 01 de Maio 2021.

SILVA, Fernando. **Representações sociais da maternidade segundo mães de crianças com deficiência.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Psicologia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11102/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL.pdf> Acesso em: 05 de Maio 2021.

SOUZA, José Carlos; LOPES, Luiz Henrique Bernardinelli; SOUZA, Vítor Cruz Rosa Pires de. **A Dimensão do Belo no Tempo.** Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 87-94, dez. 2018. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2018000300008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2018000300008&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 20 de abril 2021.